

que fazem com que o assinante de uma não tenha acesso a todos os *hot spots* (por exemplo, no aeroporto mas não na lanchonete da esquina). Uma solução prevista são os agregadores, empresas que dão acesso a vários provedores de Wi-Fi e de telefonia celular. Assim o usuário pode mudar de rede sem mesmo prestar a atenção. Surge aqui outro problema: como cobrar pelo uso em várias redes ao mesmo tempo. Soluções estão em andamento.

Estamos ainda na promessa de um nirvana sem fio. João Ubaldo Ribeiro tem razão. O ciberespaço ainda não é universal. A esperança no Wi-Fi parece encontrar eco na dinâmica de conexão do ciberespaço que faz de cada usuário não só consumidor, mas emissor de informação. A internet é hoje uma gigantesca máquina de contato e de troca de informações. Estamos efetivamente entrando na era da conexão móvel. Depois do PC (computador pessoal) isolado dos anos 60-70, da popularização da internet fixa com o CC (computadores coletivos) nos anos 80-90, estamos vendo, no começo do século 21, a emergência da era do CC móveis.

Novas práticas e usos da informática surgirão com essa mudança de paradigma. A internet fixa mostrou o potencial agregador das tecnologias de comunicação. Agora a internet móvel está aproximando o homem do desejo de ubiquidade fazendo emergir uma nova cultura telemática, com novas formas de consumo de informação e com novas práticas de sociabilidade.

Sonho com o dia em que meu computador puder plugar na rede como eu plugo o meu barbeador, em qualquer tomada, de qualquer lugar do mundo, independente da voltagem, e, melhor, sem ter que pagar muito por isso. O Wi-Fi, ou a conexão fácil que pedia João Ubaldo, ainda é uma promessa e muito longe da nossa realidade. O problema do acesso ainda é crucial no mundo. No Brasil o *boom* Wi-Fi chegará para ficar nos próximos anos, mas por enquanto só algumas lanchonetes e cafés, hotéis de luxo e zonas vip de aeroportos dão acesso. Sonhamos com uma internet que seja um serviço universal, como a rede elétrica e de água, imediatamente acessível para todos a preços justos. O Wi-Fi pode ser um começo e, se for mesmo verdade, em pouco tempo você não precisará mais levar o seu *laptop* para passear dentro da mala.

**Professor da Universidade Federal da Bahia, André Lemos (alemos@ufba.br)
revez-se neste espaço com Vladimir Safatle, Denilson Lopes e Lígia Cademartori.**